

Reflexões do corpo em Foucault a partir de diálogos com Butler e Agamben

FOUCAULT, Michel. O corpo utópico, as heterotopias. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

Matheus de Souza Silva¹

A obra “O corpo utópico, as heterotopias” apresenta duas conferências radiofônicas realizadas por Michel Foucault, nos dias 7 e 21 de dezembro de 1966, no France-Culture. Enquanto a versão em texto original, revisada pelo filósofo, foi publicada com o título “Des espaces autres”, pela Éditions Gallimard em 1994, a edição brasileira mais recente tem o selo da N-1 edições em uma versão bilíngue - com os textos em português e em francês - de 2021.

De modo a apresentar o livro, sua composição é de dois textos de Foucault que repetem o título da obra, sendo o primeiro “O corpo utópico” e o segundo “Heterotopias” - quem, em outros momentos, recebeu o título, em tradução livre, de “O outro espaço”. Por fim, há um posfácio de Daniel Defert - companheiro de vida de Foucault por mais de 25 anos.

Sobressai, inicialmente, uma estranheza para aquele que compara esse texto com as demais obras que apresentam outras conferências de Foucault. Sendo caracterizado, inclusive, como um livro com o filósofo mais convencional e próximo à literatura, essa estranheza decorre do teor textual, que contém uma linguagem e construção mais poética. Esse delinear, que por vezes soa figurativo, pela utilização do imaginário artístico, não impede ser extraída a visão política e filosófica característica do autor.

Na primeira conferência - “O corpo utópico”, como o próprio título caracteriza, a reflexão se concentra em utilizar o corpo e a utopia como chaves de leitura. A utopia seria conceituada como sendo o “[...] lugar fora de todos os lugares” (Foucault, 2021, p. 8), em uma condição de idealização, estando próxima da irreabilidade. Ocorre que o corpo “[...] jamais se encontra sob outro céu” (Foucault, 2021, p. 7) e por isso “[...] estará sempre comigo onde eu estiver” (Foucault, 2021, p. 7). Assim, o corpo não poderia ser entendido na utopia, em um lugar irreal, e sim na “topia”, em um lugar real.

Sob essa linha de pensamento, situado sempre no aqui, o corpo seria impossibilitado de se dissociar do próprio sujeito. Foucault, logo, explora a dicotomia sujeito-corpo, extensamente estudada na filosofia. Para demarcar essa relação de localização, prossegue expondo que através do espelho é possível observar e constatar que o corpo está sempre no aqui: “desenha-se aos meus olhos [...]: rosto magro, ombros arcados, olhar míope, sem cabelos, realmente nada belo” (Foucault, 2021, p. 7).

A utopia, conseqüentemente, é posta em contraponto ao corpo, já que nela o que somente existiria seria um corpo incorporal, que exerce uma extrema potência e se caracteriza como invulnerável - na medida que é sempre protegido, veloz, colossal, luminoso (Foucault, 2021). A irreabilidade de um corpo incorporal na utopia comprova-se ao perceber que essa condição seria oposta à própria ontologia humana, que denuncia como o sujeito carrega consigo a própria falta de autossuficiência (Butler, 2019).

Apesar disso, indicando que persiste no imaginário social a ideia de uma invulnerabilidade, o corpo humano é um ator utópico. Historicamente, o homem sempre sonha com “[...] corpos imensos, desmesurados, que devorariam o espaço e dominariam o

¹ Mestrando em Direito pela Universidade Federal de Sergipe. Email: matheusdsouzas@academico.ufs.br.

mundo [...]” (Foucault, 2021, p. 8). Diante disso, mesmo que não seja possível o corpo estar na utopia, o próprio homem é quem acaba criando esses lugares irreais.

Foucault (2021), todavia, passa a enfrentar um dilema sobre a sua própria afirmação do corpo sempre estar aqui. Ao trazer o ato de se maquiar e se tatuar como uma forma de se comunicar, percebe que o corpo não é uma entidade fechada em si (Butler, 2019). Essas inscrições do ser humano, legitimadas sobre a ideia de autodeterminação, basilar da dignidade da pessoa humana, apresentam significados para o sujeito enquanto um corpo social. A ascensão de uma sociedade dominada pelo individualismo agravou a ideia de corpo como recinto exclusivo do sujeito, como um local isolado (Le Breton, 2016).

Ao constatar que é possível um contato com o universo de divindades ou com o universo que compõe outras pessoas, o filósofo retifica: o corpo estaria sempre em outro lugar e não aqui, posto que as coisas estão sempre dispostas em relação a ele (Foucault, 2021). De outro modo, consta que, em sua dimensão social, é relacional. Ao recusar ser uma realidade em si, o corpo passa a ser compreendido como uma construção simbólica (Le Breton, 2016).

Nesse ponto, a reflexão realizada se assemelha à ideia de performatividade trazida por Butler (2021). A filósofa norte-americana contemporânea, também estudiosa do corpo e com notória influência dos pensamentos de Foucault, produziu o conceito dentro dos seus estudos de gênero e sexualidade.

A performance, assim sendo, seria compreender que o corpo repete a normalização imposta em seus processos de subjetivação. Por conseguinte, não seria um espaço imune, restrito ao sujeito e isolado como propaga a estrutura individualista, que se subsiste por si. Sua relacionalidade se constata na medida que “[...] é entregue a outros corpos para perdurar; é entregue a outro par de mãos para poder fazer uso do seu próprio” (Butler, 2011). A corporeidade está, observando essa perspectiva, situa-se fora de si.

Tal condição mostra-se gravosa, especialmente para aqueles que desafiam os pressupostos normalizantes em estruturas hegemônicas. Estes indivíduos estão em uma conjuntura de precarização, na medida que apresentam uma exposição corporal indesejada que produz uma vulnerabilidade no âmbito social (Butler, 2019). Grupos como a população LGBTQIAPN+, as mulheres ou povos indígenas certificam que a corporeidade apresenta uma dimensão social.

Retornando ao texto, Foucault (2021) finaliza seu pensamento retomando o espelho e traz o cadáver como outra comprovação da existência física do corpo. Mesmo que nessas condições possa ser imaginada uma conjuntura de corpo inacessível, não haveria uma simples utopia. O autor encerra trazendo um ar poético para o texto: coloca o “fazer amor” como uma consciência de se estar fora da utopia mas, também, como o instante em que o corpo está aqui - neste momento, atribuindo um caráter de sensação inerente ao físico.

A dicotomia do aqui x do estar em todos os lugares também é considerada por Butler (2019, p. 162): “[...] não podemos retirar o corpo das relações que o constituem [...]. Isso significa que a vulnerabilidade sempre toma um objeto, é sempre formada e vivida em relação com o conjunto de condições externas, mas, ainda assim, parte do corpo em si mesmo”. Corroborando com isso, estudos da sociologia do corpo, indicando existir um paradoxo: “[...] o corpo é o signo do indivíduo, o lugar da sua diferença, de sua distinção; e, ao mesmo tempo [...] está dissociado dele [...]” (Le Breton, 2016, p. 10).

Seguindo para o segundo texto - “Heterotopias”, o filósofo ainda reflete sobre o o espaço de exercício de poder e seus efeitos no sujeito. Em texto anterior - “As palavras e as coisas” - o filósofo apresentou suas primeiras ideias em torno de utopia/heterotopia, que

são aprofundadas nesta obra resenhada. Se a utopia, anteriormente, era definida como aquele espaço fora de todos os espaços, a heterotopia seria uma utopia situada.

Foucault (2021, p.19) descreve: “[...] acredito que há - em toda sociedade - utopias que têm um lugar preciso e real, um lugar que podemos situar no mapa; utopias que tem um tempo determinado, um tempo que podemos fixar e medir conforme o calendário de todos os dias”. Disso extraímos que o homem cria a condição heterotopia dentro da sua própria realidade. O questionamento das relações de poder dentro dessa utopia situada caracteriza a heterotopia em ser um contra espaço - na medida que desafiam as estruturas hegemônicas.

Foucault (2021), então, cita exemplos de heterotopias: jardins, cemitérios, asilos, entre outros. A natureza de contra espaço implica especificamente em observar que as heterotopias se opõem aos espaços em que vivemos tendo em vista que se busca neutralizá-los e apagá-los. A partir disso, o percurso tomado pelo texto é o de elencar princípios regentes dessas heterotopias.

Inicialmente, destaca-se que as heterotopias seriam encontradas em todas as sociedades humanas, inclusive nas primeiras constituições sociais trazidas pelo continuum dominante da história dita “ocidental” - utilizada entre aspas em razão de considerar a necessidade de repensar o delinear hegemônico, precisamente em torno de como o colonialismo desqualificou saberes (Foucault, 2010). Em cada conjuntura, no entretanto, apresentaria forma e características específicas.

Em sociedades que, na visão de Foucault seriam primitivas, existiriam heterotopias biológicas, como as que mulheres ficavam durante o período da menstruação, heterotopias desviantes, que seriam lugares nas quais se inserem “[...] indivíduos cujo comportamento é desviante relativamente à média ou norma” (Foucault, 2021, p. 22). Esses lugares seriam postos à margem da sociedade. Como exemplo, Foucault (2021) cita as prisões, sendo esse o objeto de estudo do filósofo, de forma mais extensa, na sua clássica obra “Vigiar e Punir”.

A ideia de estudar espaços contestados leva Foucault (2021) a defender a existência da heterotopologia. O exercício de poder comprovaria que “[...] não se vive em um espaço neutro e branco” (Foucault, 2021, p.19). O texto coaduna-se com os estudos anteriormente do filósofo que toma como o enfoque a necessidade de observar não precisamente o sujeito em si, mas o entorno da metafísica do poder. Anteriormente, dentro de “Em defesa da Sociedade”, há uma preocupação com a hierarquia do poder no âmbito da própria ciência (Foucault, 2010). Quando defende a existência de uma heterotopologia, Foucault (2021) propõe considerar, então, o enfoque em outros espaços dominados pela ciência hegemônica.

Para além, a estrutura das heterotopias, seguindo especificamente o quinto princípio, seria formada por um sistema de abertura e fechamento. Seria um lugar real-irreal, em que se isolada e também é possível ser penetrado. Neste aspecto, soa semelhante ao entendimento de campo para Agamben (2004), em “Homo Sacer”.

O campo seria o próprio paradigma biopolítico contemporâneo, em que se materializa o estado de exceção, tornando-se a regra. Há uma dualidade no campo: uma inclusão para excluir, visto que é uma disposição permanente, mas situada fora do próprio ordenamento (Agamben, 2004). Para além de heterotopias da festa ou ligadas ao tempo, há aquelas que soam como “[...] um livro aberto, que tem, contudo, a propriedade de nos manter fora” (Foucault, 2021, p. 27).

Apesar das diversas formas, desenvolvidas em decorrência de tempo e espaço, Foucault (2021) evidencia como as heterotopias desafiam as normatizações existentes. Seja como espelho ou como cemitério, o que se põem em questão é como esses espaços levam a

uma subversão das compreensões em torno da manifestação do corpo em locais tradicionalmente hegemônicos. As heterotopias atuam como pontos de resistência, que são inerentes à existência do poder (Foucault, 2022).

A obra é finalizada com o posfácio de Daniel Defert, que discorre sobre a utilização da heterotopia na análise da arquitetura e de questões ligadas à cidade enquanto espaço público.

O desenvolvido em torno da heterotopia demonstra, em alguns momentos, necessitar de maior desenvolvimento e caracterização, o que pode justificar não ser a chave de leitura mais explorada na vasta obra de Foucault (2021). Entretanto, o seu desenvolvimento em torno da utopia e da heterotopia reúne condições capazes de reforçar o itinerário construído nas suas reflexões para observar a prática do poder.

Ademais, serve de instrumento epistemológico ao campo jurídico na medida que direciona a ótica para a inscrição social de estruturas hegemônicas dentro de corpos precarizados. Lançar um olhar relevante é necessário, portanto, para grupos vulnerabilizados que carecem do campo jurídico para impedir a manutenção de contextos de violação da dignidade e do exercício de cidadania.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

BUTLER, Judith. **A força da não violência: um vínculo ético-político**. Tradução de Heci Regina Candiani. Boitempo, 2021.

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. Curso no Collège de France, 1975-1976. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: 1. A vontade do saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Alburquerque e J. A. Guílhão Albuquerque. 13º ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2022.

LE BRETON, David. **Antropologia do Corpo**. Petrópolis: Vozes, 2016.